

Gerdau põe em cheque competitividade da indústria

A falta de infraestrutura e os impactos tributários do Brasil fazem com que a indústria não consiga ser competitiva quando comparada a outros países, para o empresário

Kiko Ferrite/EXAME



Gerdau: "A cadeia do aço está vendo os seus mercados tomados pelas importações e competição do exterior. Parte do nosso crescimento doméstico está indo por importados"

AGÊNCIA ESTADO - O presidente da Gerdau, André Gerdau Johannpeter, afirmou, hoje, que a indústria brasileira é competitiva "dentro da sua estrutura", mas perde competitividade "da sua porta para fora". O executivo participa de evento da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

De acordo com Johannpeter, a falta de infraestrutura do país e os impactos tributários do Brasil fazem com que a indústria não consiga ser competitiva quando comparada a outros países. "A cadeia do aço está vendo os seus mercados tomados pelas importações e

competição do exterior. Parte do nosso crescimento doméstico está indo por importados que contêm aço", afirmou o executivo, citando veículos e produtos da linha branca como exemplos.

Outro ponto que o presidente da Gerdau citou como preponderante para a perda da competitividade do Brasil é a taxa de câmbio. O executivo, no entanto, não citou qual seria a taxa ideal para ajudar na competitividade da indústria. "Um câmbio acima do que está agora sempre é melhor", disse

Volkswagen vai construir fábrica em Pernambuco

Segundo informações do jornal Valor Econômico, unidade da montadora alemã receberá investimentos de US\$ 2 bilhões

Getty Images



Modelo Up! da Volks: nova fábrica no Brasil vai concentrar produção do modelo elétrico da montadora alemã

EXAME.com - A Volkswagen está preste a anunciar a construção de uma nova fábrica em solo brasileiro. Segundo informações do jornal Valor Econômico, desta quarta-feira, a unidade será instalada dentro do complexo industrial do Porto de Suape, em Pernambuco.

Com investimentos na ordem de 2 bilhões de dólares, financiado pelo governo federal por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e outras linhas específicas de crédito, a planta vai produzir o modelo elétrico Up!.

A decisão da montadora de instalar uma fábrica na região **Nordeste**, especificamente dentro do complexo portuário de Suape, tem relação com as vantagens logísticas e a facilidade de exportação dos veículos para a América Latina.

Ainda de acordo com informações do Valor, a unidade terá capacidade para produzir 200.000 veículos. O anúncio oficial da construção da fábrica deve ser feito no início do próximo mês.

Procurada por EXAME.com, a montadora alemã, no entato, declarou que a Volkswagen do Brasil avalia a possibilidade de ampliar a sua capacidade produtiva no país, seja por meio de uma nova unidade ou pela expansão da capacidade de suas fábricas já existentes.

"Nesse contexto, estamos realizando um levantamento preliminar de informações junto a diferentes estados e não há, portanto, qualquer definição sobre o assunto", disse a montadora em nota.

Metalúrgicos sugerem mudanças em MP

VALOR ECONOMICO - Os metalúrgicos tentam realizar mudanças na Medida Provisória (MP) 540, que reduz o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para o setor automotivo, desde que as empresas invistam em inovação e atinjam índice de nacionalização de 65% do produto. A proposta faz parte do Brasil Maior, principal programa da presidente Dilma Rousseff (PT) para evitar a desindustrialização do país. O texto iria a votação na Câmara dos Deputados nesta semana, mas foi adiado por falta de acordo.

O índice de nacionalização, hoje de 60%, é o principal alvo. Ele é calculado sobre o faturamento total da empresa, o que inclui desde gastos com propaganda e folha de pagamento até energia elétrica e lucro, segundo os sindicalistas. Nas contas deles, isso reduz o percentual do que realmente é produzido no Brasil a apenas 16%. O governo quer aumentar a taxa para 65%, mas os metalúrgicos acreditam que o valor é pequeno (veja gráfico nesta página) e pedem 80%.

Confusão nos cálculos

Índice de nacionalização de 65% não teria reflexo nas



"A sociedade acha que 80% é muito, mas não é, porque a maior parte não vai para o produto nacional. Esse índice deixaria a participação dos componentes nacionais em 36%, igual ao de países do Nafta [Tratado Norte-Americano de Livre Comércio], como o México", afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre, ligado à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

O índice de 65% de nacionalização também será usado como critério para decidir quais montadoras sofrerão com a alta de IPI para a importação de automóveis. Decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) adiou a tributação para 15 de dezembro, sob o argumento de que não poderia haver mudança no imposto sem prazo mínimo de 90 dias da publicação do decreto.

Segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes, Miguel Torres, filiado à Força Sindical, as empresas de autopeças são ainda mais afetadas. "Com o índice de nacionalização de 60%, o custo das peças produzidas no país representa 1,4% do valor do carro", diz. "Queremos chegar a cerca de 5%, com o índice de 80%, para garantir os empregos do setor, que é um dos que tem mais trabalhadores no país", completa.

O Ministério da Fazenda, por meio da assessoria, informou que o tema está em estudo, mas não deu maiores informações. O líder do governo na Câmara dos Deputados, Cândido Vaccarezza (PT-SP), teve reunião com os metalúrgicos na semana passada e também aguarda o posicionamento do Planalto.

Para o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Autopeças (Anfape), Renato Fonseca, só o aumento do percentual de componentes produzidos no Brasil não reduzirá o déficit na balança comercial, que chegou a US\$ 3,58 bilhões de janeiro a setembro de 2011, aumento de 28,14% sobre o mesmo período do ano passado. "As montadoras instaladas no país perderam fatia do mercado, mas cresceram nas vendas absolutas. Já o setor de autopeças não. Perdemos tanto em participação quanto em vendas", diz.

Na opinião de Fonseca, o melhor modelo para proteger a indústria nacional seria calcular o índice sobre o valor das peças, ao invés de fazer a conta sobre o faturamento. "O aumento [do índice] ajuda, mas não resolve. Se mudássemos o sistema de cálculo, teríamos um valor mais próximo do real", argumenta.